



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 10, Nº 2, 2025, P. 1-19
ISSN: 2448-2390

O estoicismo e a medicina pneumática

Stoicism and Pneumatist Medicine

DOI: 10.20873/rpvn10v2-40

Bruno Alonso

E-mail: brunoalonso@id.uff.br

Orcid: <https://orcid.org/000-0003-0534-2950>

Resumo

Este artigo pretende fomentar a discussão de um tema pouquíssimo explorado pelos historiadores da filosofia. A medicina pneumática, uma seita médico-filosófica, que se difundiu em Roma durante a dinastia flaviana (69-96 d.C.) e o reinado de Trajano (98-117 d.C.). O cerne do tema é a influência do estoicismo em Ateneu de Antália, em como a física estoica e a teoria do *pneuma* se tornaram os alicerces da sua doutrina. Explorar a escola pneumática de medicina é, em uma perspectiva mais ampla, evidenciar uma ligação visceral que transcende as supostas fronteiras que dividem a filosofia e a medicina.

Palavras-chave

Filosofia; Medicina; Estoicismo; Medicina pneumática; Ateneu de Antália; *Pneuma*.

Abstract

This paper aims to promote the discussion of a topic rarely explored by historians of philosophy. Pneumatist medicine, a medical-philosophical sect, which was spread in Rome during the Flavian dynasty (69-96 AD) and the reign of Trajan (98-117 AD). The heart of the theme is the influence of Stoicism in Athenaeus of Attaleia, in how the Stoic physics and the theory of *pneuma* became the foundations of its doctrine. Exploring the Pneumatist School of medicine is, in a broader perspective, to highlight a visceral connection which transcends the supposed boundaries that divide philosophy and medicine.

Keywords

Philosophy; Medicine; Stoicism; Pneumatist Medicine; Athenaeus of Attaleia; *Pneuma*.

1. As raízes da escola pneumática de medicina

A seita pneumática se desenvolveu entre os séculos I e II d.C. em Roma. Os pneumáticos viam em Hipócrates o alvorecer da medicina, mas se posicionavam como seguidores da escola

médica de Alexandria, cujos expoentes são Herófilo (335-280 a.C.) e Erasístrato (310-250 a.C.). A escola alexandrina prosperou durante o reinado dos Ptolomeus, uma época de grande valorização da cultura, das artes e da filosofia. Nesse contexto, Herófilo e Erasístrato fundaram uma escola médica de anatomia. Ambos trabalharam juntos na dissecação de cadáveres e seus estudos produziram conhecimentos cruciais acerca da anatomia humana. O médico dogmático Praxágoras de Cós (340 a.C.), outra notável influência para a medicina pneumática, havia observado a estrutura anatômica das artérias e das veias, e sustentava que as artérias são responsáveis por transportar o *pneuma* dos pulmões para o coração, assim como as veias transportam o sangue do fígado para o corpo. Contudo, é Herófilo quem descobre a estrutura dos nervos no corpo, que todos confluem para o cérebro e são as matrizes da sensação e do movimento.¹ No interior do modelo anatômico de Herófilo, o *pneuma* desempenha um papel central, porque é através dele que os nervos operam.

ἀρχαὶ οὖν τῆς ἰατρικῆς τρεῖς· ἡ μὲν εὐρέσεως, ἡ δὲ ἐκ τοῦ συστήσασθαι τὴν τέχνην, ἡ δὲ ὑφηγήσεως. εὐρέσεως μὲν οὖν ἀπλῆς τῶν ἐν τῇ ἰατρικῇ ἡ παλαιοτάτη καὶ ἄνευ λόγου ἀρχὴ καὶ πεῖρα, ὡς παρὰ Αἰγυπτίους καὶ πᾶσι βαρβάροις. τοῦ δὲ εἰς σύστημα τέχνης ἀγαγεῖν τὴν τῶν Ἀσκληπιαδῶν ἰατρικὴν, ταύτης δὲ ἀρχὴ λόγος καὶ πεῖρα. ὑφηγήσεως δὲ, ὡς φησὶν Ἀθήναιος, ἡ

¹ Lewis e Leith confrontam as concepções fisiológicas sobre o *pneuma* de Herófilo e Erasístrato com as visões dos médicos dogmáticos Diocles de Caristo (IV a.C.) e Praxágoras. Diocles sustenta que a função do *pneuma* é apenas resfriar o corpo, ou seja, manter a temperatura corporal amena evitando um calor excessivo. Praxágoras, Herófilo e Erasístrato pensam além e concordam que o *pneuma* está na raiz do movimento, das sensações e do pensamento: “For Diocles *pneuma* was not necessarily a functional agent working in the heart (as in Aristotle) or brain or moving through vessels in order to reach organs which require its substance or capacities (as in *On the Sacred Disease*). Taken as a whole, the evidence seems to suggest that Diocles did not think that the air which entered the body became ‘*pneuma*’ in the sense of a distinct airy substance facilitating the activity of the body in any direct way beyond cooling it and thus preventing it from overheating. Cooling and ventilation of the body appear to be the main (and perhaps only) functions of air/*pneuma* in the body. These effects are achieved by external air brought into the body through the processes of respiration and transpiration. The air related to digestion, on Diocles’ account, had only pathological effects, which harm the regular activity of the body rather than contribute to it. On the whole, Diocles’ interest in *pneuma* as an agent contributing directly to human activity seems fairly narrow, particularly in comparison to other physicians who were active around or shortly after his time. For Praxagoras and Herophilus (and Erasistratus) there is substantial concrete and independent evidence for their interest in and discussion of *pneuma*, and for their incorporation of this concept into their respective explanations of the human body and their medical theories and methods. Although these physicians did not connect *pneuma* with ‘soul’ as such, in their theories it acquired crucial significance in motion and sensation, and perhaps in cognition and other intellectual activities as well. The growing significance of *pneuma* was evidently linked to developments in understanding the body’s vessel systems. It seems unlikely to be coincidental that with the separate identification of the arteries and isolation of their pulsating motion, Praxagoras suggested that it was *pneuma* alone passing through these vessels that discharged their functions, while Herophilus made the same claim for the nervous system upon its discovery. With the physiological systems of Erasistratus and Asclepiades, addressed in the next chapter, *pneuma* will acquire even more potency and will be analysed in more intricate ways, drawing on contemporary philosophical theory as well as medical” (Lewis and Leith, 2020, pp. 123-124).

παραδόσεως, καθώς τινες λέγουσιν, ἀρχὴ ἢ φυσικὴ θεωρία. ἀπλῶς δὲ καὶ Ἱπποκράτης ἔφη, ἀρχὴ τοῦ ἐν ἰατρικῇ λόγου ἢ φύσις πρῶτον· ἀπὸ γὰρ τοῦ φυσιολογεῖν ἄρχονται οἱ δογματικοὶ, ἐπειδὴ ἐκ τῶν κατὰ φύσιν καὶ τὰ παρὰ φύσιν δύνανται εἶδέναι, ἄνευ δὲ τοῦ γινῶναι τὸ κατὰ φύσιν, τὸ παρὰ τοῦτο ἔχον οὐχ οἷόν τε ἐπίστασθαι.

Existem três pontos de partida na medicina: um é o da descoberta, outro é o da constituição da arte, e o último é o da exposição. No caso da simples descoberta do que é próprio à medicina, o ponto de partida mais antigo é a experiência sem razão, como entre os egípcios e os demais bárbaros. No ponto de partida para fundamentar a arte médica dos Asclepiádes estão a razão e a experiência. O ponto de partida da exposição, como diz Ateneu, ou da instrução, como dizem alguns outros, é o estudo da natureza. Hipócrates disse simplesmente: “O ponto de partida do *logos* na medicina é, antes de tudo, a natureza” [cf. *Sobre as partes do homem* 2.1]. Os dogmáticos partem do conhecimento da natureza, pois a partir do que é consoante à natureza são capazes de saber o que lhe é contrário, mas sem saber o que está de acordo com ela, não é possível compreender o seu reverso (Ps.-Gal. *Intro.* 2.1, tradução nossa).

A obra pseudo-galênica *Introductio sive medicus* especifica quais são os três pontos de partida da medicina. A experiência empírica, baseada na observação, denominada “descoberta”. A união da experiência com a razão definida como “constituição da arte”, ou seja, a medicina alçada ao status de um saber específico. E o ponto de partida da “exposição”, compreendido como o estudo da natureza. Ateneu de Antália ($\cong$ I a.C. - I d.C.) é mencionado como um defensor da premissa de que a medicina deve partir do conhecimento da natureza. Esse pressuposto remonta à medicina dogmática, que se respaldava no conhecimento do que é harmônico e do que é conflitante com a natureza.

A escola pneumática desenvolveu a base lógica de sua medicina de maneira independente da tradição hipocrática, isto é, sem a preocupação de corrigir ou atribuir dogmas a Hipócrates. O objetivo central dos pneumáticos parece ter sido revisar a medicina dogmática. Credita-se aos pneumáticos a tradição de cunhar Hipócrates como ‘o pai da medicina’. A influência dos pneumáticos na tradição hipocrática pode ser medida pelos comentários de Galeno, que atribuiu a Hipócrates aquilo que, de fato, era afirmado pelos pneumáticos, os quais, por sua vez, posicionavam-se como herdeiros da tradição alexandrina e não hipocrática. Os médicos dessa seita reescreveram a medicina dogmática de acordo com o estoicismo (daí a importância do *pneuma*), uma filosofia natural que partia de duas concepções centrais: a unidade cósmica e a simpatia entre os seus componentes. Ateneu, o seu fundador, acreditava que o cosmo era contínuo. A matéria elementar, sob a ação das qualidades (quente, frio, úmido e seco), produziria o mundo visível; a mistura precisa das qualidades determinaria o que uma coisa é e, com a mudança da mistura, todas as coisas poderiam transformar-se em outras; o *pneuma* no cosmo e no corpo manteria as coisas unidas, bem como o seu funcionamento. Uma mudança no *pneuma* causaria uma mudança na mistura (temperamento) dos seres animados ou inanimados. A saúde foi concebida como a mistura apropriada da natureza de cada coisa, chamada *eucrasia*; o afastamento da natureza ou do seu equilíbrio natural traria a doença, a dissolução e a morte, chamada *discrasia* (Rebollo, 2006, pp. 69-70).

A medicina pneumática se caracteriza por aliar o estoicismo ao método dos dogmáticos. Rebollo esclarece que a medicina pneumática é legatária da seita dogmática e, a despeito de serem descendentes da medicina hipocrática, não se viam como seus perpetuadores.

Crisipo (282-206 a.C.) atribuiu primazia à lógica, enquanto Possidônio (135-51 a.C.) antepôs a física.² A posição de Possidônio repercutiu na concepção da medicina pneumática. A principal ideia, inspirada no estoicismo, é a compreensão do *pneuma* como a força preeminente no corpo dos homens.³ Não somente no corpo humano, pois, para Zenão, está em todos os seres vivos, e, para Crisipo, na totalidade cósmica. Ateneu de Antália, o fundador da escola médica pneumática, teve Possidônio como mestre e uma formação filosófica permeada pelo estoicismo.⁴

² Como se observa em Diógenes Laércio, no que tange às três partes da filosofia estoica (lógica, ética e física), Zenão (333-261 a.C.) e Crisipo, os vanguardistas da doutrina, davam precedência à lógica. Possidônio e Panécio (185-109 a.C.), dois estoicos tardios, priorizavam a física (Cf. Diog. Laert., VII, 40-41).

³ Os estudos de Wellmann (*Die Pneumatische Schule bis auf Archigenes*, 1895) indicam que a medicina pneumática é herdeira direta do conceito estoico de *pneuma*. De acordo com Coughlin e Lewis, a interpretação histórica de Wellmann se tornou predominante, acatada por pesquisadores como Verbeke (*L'évolution de la doctrine du pneuma du Stoicisme à S. Augustin*, 1945) e Nutton (*Ancient Medicine*, 2013): "Of the several attempts to reconstruct the Pneumatists' views on *pneuma*, most follow Wellmann by connecting them to the Stoics. The Pneumatists, Wellmann claims, can be distinguished from other doctors because they adopted a Stoic conception of *pneuma*, especially a three-fold division of *pneuma* into hectic, natural, and psychic *pneuma*, which they then adapted to Hippocratic physiology and Hippocratic medicine more generally. Wellmann goes on to reconstruct the role of (Stoic) *pneuma* in all aspects of Pneumatist medical theory, from fever to pulse diagnosis. Scholars since Wellmann have remained faithful to this reconstruction, modifying it here and there depending on their aims. Verbeke, for instance, adds that the Pneumatists wanted to use *pneuma* to explain something missed by both the Stoics and Hippocratics: the origin of vital heat. According to Verbeke, the Pneumatists answer this question by appealing to *pneuma's* oscillation (its 'dynamic tension'), which causes friction, in turn heating the body. Vivian Nutton, who is more sceptical of Wellmann's approach than Verbeke, nevertheless claims that, like the Stoics, Athenaeus explored parallels between the cohesive role of *pneuma* in the macrocosm and the microcosm. Nearly every reconstruction we have encountered accepts something like Wellmann's general Stoic/Pneumatist picture, with minor additions or clarifications" (Coughlin and Lewis, 2020, p. 206). Porém, eles atentam para a necessidade de compreender a escola pneumática em uma perspectiva mais ampla e não como meros partidários do estoicismo (Cf. Coughlin and Lewis, 2020, p. 230).

⁴ Seus sucessores foram Agatino de Esparta, Heródoto, Magno e Arquígenes de Apameia (Cf. Coughlin e Lewis, 2020, p. 205). Agatino e Arquígenes possuem maior relevância histórica. Agatino é reconhecido por assumir, inicialmente, uma posição eclética, tendência que é incorporada aos demais sucessores. O que revela como a história da medicina pneumática é repleta de transições e influências variadas.

2. Uma breve contextualização das escolas de medicina em Roma

No contexto da medicina romana se destaca a doutrina metódica fundada por Asclepiades de Bitínia (I a.C.).⁵ A sua medicina é sectária da escola anatômica de Alexandria, com o diferencial de adotar o atomismo de Epicuro (341-270 a.C.) como base teórica para a sua fisiologia.⁶ Para os metódicos, o *pneuma* é apenas um dos elementos componentes da alma.⁷

Ao lado da medicina metódica, as doutrinas médicas dogmática e empirista, oriundas do período helenístico, atraíam seguidores em Roma. Em *De sectis*, Galeno (129-199 d.C.) confronta as divergências teóricas e metodológicas entre dogmáticos e empiristas.⁸ Os empiristas se

⁵ A medicina metódica se apoia em uma visão atomística da natureza, fortemente inspirada na física de Epicuro: “Asclepiades de Bitínia (I a.C.), possivelmente influenciado pelo atomismo de Epicuro, revisa e corrige a medicina teórica e prática de Hipócrates, ou melhor, dos tratados hipocráticos, bem como dos dogmáticos e dos empíricos. Embora tenha se autodenominado um dogmático, afastou-se tanto dos dogmáticos quanto dos empíricos, procurando racionalizar a medicina. Segundo Asclepiades, o empirismo médico sem teoria era um contra-senso, e as teorias dos dogmáticos eram erradas e inadequadas, pois não consideravam os fatos relacionados com os diferentes estados de saúde e de doença. Asclepiades idealizou uma fisiologia racional que descrevia os estados de saúde e de doença como o fluxo e o influxo da matéria no corpo. Nessa fisiologia lógica, o corpo era composto por vários átomos de tamanhos distintos que constantemente se moviam no seu interior através de passagens de vários tamanhos; a constrição de tais passagens causaria inflamação, assim como um excesso de afrouxamento levaria à perda de vitalidade” (Rebollo, 2006 pp. 68-69).

⁶ O anatomista Erasístrato exerceu grande influência em Asclepiades. Erasístrato contraria a teoria hipocrática de que o ar chega ao cérebro logo após passar pelas narinas, e argumenta que o ar atravessa, primeiramente, os pulmões, antes de se propagar no interior do corpo. Ele pensava, portanto, que a respiração pulmonar supre o corpo com o *pneuma*, que percorre as artérias e é bombeado pelo coração.

⁷ Conforme explica Leith, o atomismo levou Asclepiades a sustentar uma concepção de alma diferente dos anatomistas de Alexandria. Ele adota a concepção de Epicuro de que a alma é um composto heterogêneo de quatro elementos: ígneo, aéreo, pneumático e “um elemento inominado” (tão sutil e imperceptível que não pode ser designado). Para Herófilo e Erasístrato, a experiência sensorial e cognitiva está atrelada à mediação do *pneuma* através dos nervos. Asclepiades acredita que as sensações são geradas pelos inúmeros átomos distribuídos pelo corpo que atingem diretamente a alma: “At the psychological level, Asclepiades’ pneumatic soul in many ways represented a combination of Hellenistic, especially Erasistratean, physiology and Epicurean atomism. This is well exemplified by Asclepiades’ account of the mechanics of sensation: while he adopted the Herophilean-Erasistratean account of motor function mediated by pneuma in the nerves, he denied that sense-perception was similarly mediated. This was presumably because he took over Epicurus’ theory that sense-impressions impinged directly on a soul which was spread throughout the body at an atomic (or quasi-atomic) level, not just within the nerves: hence the sensory function which Herophilus and Erasistratus had attributed to the nerves was superfluous in Asclepiades’ system” (Leith, 2020, p. 151).

⁸ A doutrina dogmática propõe que o médico esboce analogias entre casos similares, para compreender o que se oculta a partir do que lhe é apreensível. A empírica orienta que o médico se embase em experiências concretas, para a partir de certas observações, formular noções universais: *ὀνομάζονται δ' οἱ μὲν ἀπὸ τῆς ἐμπειρίας μόνης ὁρμώμενοι παρωνύμως ἐκείνης ἐμπειρικοί, ὁμοίως δὲ καὶ οἱ ἀπὸ τοῦ λόγου λογικοί καὶ δύο εἰσὶν αὗται πρῶται τῆς ἱατρικῆς αἰρέσεις, ἡ μὲν ἑτέρα διὰ πείρας ἰοῦσα πρὸς τὴν τῶν ἰαμάτων εὕρεσιν, ἡ δ' ἑτέρα δι' ἐνδείξεως. καὶ ὀνόματά γε ταῖς αἰρέσεσιν ἔθεντο ἐμπειρικὴν τε καὶ λογικὴν· καλεῖν δ' εἰσὶν εἰθισμένοι τὴν μὲν ἐμπειρικὴν τηρητικὴν τε καὶ μνημονευτικὴν, τὴν δὲ λογικὴν δογματικὴν τε καὶ ἀναλογιστικὴν· καὶ τοὺς ἄνδρας ὁμοίως ταῖς αἰρέσεσιν ἔθεντο ἐμπειρικοὺς μὲν καὶ τηρητικοὺς καὶ μνημονευτικοὺς τῶν φαινομένων, ὅσοι τὴν ἐμπειρίαν εἴλοντο, λογικοὺς δὲ καὶ δογματικοὺς καὶ ἀναλογιστικούς ὅσοι τὸν λόγον προσήκοντο, “Os primeiros são*

destacam por se embasarem na observação e cultivarem uma memória que permite tratar casos similares.⁹ Os dogmáticos são reconhecidos por buscarem as causas inerentes ao adoecimento, mediante um conhecimento da natureza do corpo e dos múltiplos fatores que interferem na saúde.¹⁰ Pode-se dizer que na parte inicial do tratado, Galeno contrasta as escolas empirista e dogmática de medicina com certo distanciamento e imparcialidade. Entretanto, na parte final

chamados de Empiristas, por partirem somente da experiência, sendo [os termos] parônimos; do mesmo modo, os que [partem] da razão [são chamados] de Racionalistas, e essas são as duas escolas primárias de medicina. A primeira [escola, i.e., a Empirista] avança por meio de experimentos para a descoberta de medicamentos, a segunda [escola, i.e., a Racionalista], por meio da indicação. E assim eles deram o nome de Empirista e de Racionalista às suas escolas. Mas, usualmente, a Empirista também é chamada de Observante e também de Memorativa; e a Racionalista de Dogmática e também de Analogística” (Gal., *SI*, I. 65. 5-15). Após confrontar dogmáticos e empiristas, Galeno descreve a medicina dos metódicos: Οἱ δὲ μεθοδικοὶ καλούμενοι, οὕτω γὰρ ἑαυτοὺς ὠνόμασαν, ὥσπερ οὐχὶ καὶ τῶν ἔμπροσθεν δογματικῶν μεθόδῳ τὴν τέχνην μεταχειρίσασθαι φασκόντων, οὐ μέχρι λόγου μοι δοκοῦσι ταῖς παλαιαῖς ἀμφισβητεῖν αἰρέσεσιν, ἀλλ’ ἤδη καὶ τῶν ἔργων τῆς τέχνης πολλὰ μετακοσμεῖν, οἳ γ’ οὔτε τόπον πεπονθότα χρήσιμον οὐδὲν ἔχειν φασὶν εἰς θεραπείας ἔνδειξιν οὔτ’ αἰτίαν οὔθ’ ἡλικίαν οὔθ’ ὥραν οὔτε χώραν οὔτε τοῦ νοσοῦντος τῆς δυνάμεως τὴν ἐπίσκεψιν ἢ τῆς φύσεως ἢ τῆς ἔξεως αὐτοῦ. παραιτοῦνται δὲ καὶ [τὰς ὥρας καὶ τὰς χώρας καὶ] τὰ ἔθνη, παρὰ μόνων τῶν παθῶν τὴν ἔνδειξιν τοῦ συμφέροντος ἀρκεῖν αὐτοῖς φάσκοντες οὐδὲ παρὰ τούτων κατ’ εἶδος, ἀλλὰ κοινῇ καὶ καθόλου τιθέμενοι. καὶ δὴ καὶ καλοῦσι κοινότηας αὐτὰ δὴ ταῦτα τὰ διὰ πάντων διήκοντα τῶν ἐν μέρει καὶ πειρῶνται γ’ οἱ μὲν τῶν κατὰ δίαίταν νοσημάτων, ἔνιοι δὲ καὶ πάντων ἀπλῶς δύο κοινότηας ἐπιδεικνύναι καὶ τινὰ τρίτην μικτήν. ὀνόματα δ’ αὐταῖς ἔθεντο στέγνωσιν καὶ ῥύσιν καὶ πᾶν νόσημά φασιν ἢ στεγνὸν ἢ ῥοῶδες εἶναι ἢ ἔξ ἀμφοῖν ἐπιτεπλεγμένον, “Os chamados Metódicos – pois assim nomeiam a si mesmos, como se os Dogmáticos acima não afirmassem praticar a arte com método –, ao que me parece, divergem das antigas escolas não só pelo discurso, mas também pela grande mudança na prática da arte [médica]; eles asseveram que o lugar afetado não aponta nada útil para a indicação da terapia, nem a causa, nem a idade, nem a estação do ano, nem o lugar, nem a investigação da força do enfermo, de sua natureza ou da sua constituição. Depreciam, também, os costumes, dizendo que basta a indicação do favorável, que se extrai apenas das afecções, porém não o tomando de forma específica, mas de forma geral e genérica. E também chamam de ‘generalidade’ as características que se encontram em todas as afecções particulares e tentam demonstrar que existem – algumas nas doenças do regime, enquanto outras em todas – duas generalidades e uma terceira mista. A essas [generalidades] deram o nome de estenose e fluxo, e dizem que toda doença é ou constipada, ou acompanhada de fluxo, ou composta por ambos” (Gal., *SI*, I. 79. 5 - I. 80. 5).

⁹ οὐ γὰρ δις μόνον ἢ τρις ἀλλὰ καὶ πλειστάκις μιμησάμενοι τὸ πρόσθεν ὠφελησαν, εἴτ’ ἐπὶ τῶν αὐτῶν παθῶν τὸ αὐτὸ ποιοῦν εὐρίσκοντες ὥς ἐπὶ τὸ πολὺ τὴν τοιαύτην μνήμην θεώρημα καλέσαντες ἤδη πιστὸν ἡγοῦνται καὶ μέρος τῆς τέχνης. ὥς δὲ πολλὰ θεωρήματα τοιαῦτ’ ἠθροίζετ’ αὐτοῖς, ἱατρικὴ μὲν ἦν τὸ σύμπαν ἄθροισμα καὶ ὁ ἀθροίσας ἱατρός, “E é principalmente deste [tipo] que se constituiu sua arte; pois tendo imitado não somente duas ou três, mas muitas vezes o que causou benefício anteriormente, em seguida descobriram que, na maioria dos casos, o produto era o mesmo nas duas afecções – e a tal rememoração chamaram de teorema, já considerada confiável e parte da arte. Assim, tendo-se coletado muitos desses teoremas por eles, a totalidade da coletânea é a medicina, e o compilador, o médico” (Gal., *SI*, I. 67. 5-10).

¹⁰ οὕτω μὲν οὖν ἀπ’ αὐτῆς τῆς διαθέσεως ἢ ἔνδειξις αὐτοῖς τοῦ συμφέροντος γίγνεται, οὐ μὴν ἀρκεῖν μόνην γε ταύτην φασὶν, ἀλλὰ καὶ παρὰ τῆς δυνάμεως τοῦ νοσοῦντος ἑτέραν <ἐνδειξιν> εἶναι καὶ παρὰ τῆς ἡλικίας ἄλλην καὶ παρὰ τῆς ἰδίας αὐτοῦ τοῦ κάμνοντος φύσεως ἄλλην· οὕτω δὲ καὶ παρὰ τῆς ὥρας τοῦ ἔτους καὶ τοῦ χωρίου τῆς φύσεως καὶ τῶν ἐπιτηδευμάτων καὶ τῶν ἔθων ἔνδειξιν <ἀφ’ ἐκάστου τούτων> γίνεσθαι τοῦ συμφέροντος ἰδίαν, “Desse modo, a partir da própria disposição se dá a indicação do que vem a ser favorável. Contudo, ela por si só não basta – dizem –, [precisa-se] de uma <indicação> diferente [advinda] da força do enfermo, outra da idade e outra da peculiar natureza do doente. Assim, também das estações do ano, da natureza do lugar e dos hábitos e dos costumes, <a partir de cada um desses> se dá uma particular indicação de que vem a ser favorável” (Gal., *SI*, I. 70. 10-20).

do texto, o tom muda. Galeno profere críticas contundentes à medicina metódica e produz um desfecho de profunda contestação à legitimidade das suas ideias.¹¹

3. Os pilares da medicina de Ateneu: o quente, o frio, o seco e o úmido

κατὰ δὲ τὸν Ἀθήναιον στοιχεῖα ἀνθρώπου οὐ τὰ τέσσαρα πρῶτα σώ-
 ματα, πῦρ καὶ ἀήρ καὶ
 ὕδωρ καὶ γῆ, ἀλλ' αἱ ποιότητες αὐτῶν, τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν καὶ τὸ ξηρὸν καὶ τὸ ὑγρὸν, ὧν
 δύο μὲν τὰ ποιητικὰ αἷτια ὑποτίθεται, τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν, δύο δὲ τὰ ὑλικά, τὸ ξηρὸν καὶ
 τὸ ὑγρὸν, καὶ πέμ-
 πτον παρεισάγει κατὰ τοὺς Στωϊκοὺς τὸ διήκον διὰ πάντων πνεῦμα, ὑφ' οὗ
 τὰ πάντα συνέχεσθαι καὶ διοικεῖσθαι.

De acordo com Ateneu, o corpo do homem não é composto pelos quatro elementos primários: fogo, ar, água e terra. Mas pelas suas qualidades: quente, frio, seco e úmido. Ele estabelece que duas delas, o quente e o frio, são causas produtivas, e as outras duas, o seco e o úmido, são constituintes corpóreos. E insere um quinto, imbuído pelos estoicos, o *pneuma*, que permeia todas as coisas e as mantém unidas e ordenadas (Ps.-Gal. *Intro.* 9, tradução nossa).

Em *Introduction sive medicus* o autor apura o entendimento de Ateneu acerca da compleição fisiológica dos homens.¹² Ele pensa que o corpo não é formado pelos quatro elementos (terra, água, ar e fogo), mas pelas quatro qualidades corporais (quente, frio, seco e úmido). Os estoicos associam os elementos às qualidades – o fogo ao quente, o ar ao frio, a água ao úmido e a terra ao seco –, de forma que não há uma dissociação estrita entre as duas categorias.¹³ As qualidades são manifestações sensíveis dos elementos e o próprio Ateneu, ao que parece, por esse motivo, fez das quatro qualidades a base teórica da sua doutrina.¹⁴ Na sua

¹¹ Cf. Gal., *SI*, I, 93-105.

¹² *Introduction sive medicus* é um texto que, tal como outros, foi arbitrariamente atribuído à Galeno (Cf. Fortuna, *Pseudo-Galenic in the editions of Galen*, 2020).

¹³ Diógenes Laércio confirma o pressuposto estoico que correlaciona os elementos e as qualidades: τὰ δὴ τέτταρα στοιχεῖα εἶναι ὁμοῦ τὴν ἅποιον οὐσίαν τὴν ὕλην: εἶναι δὲ τὸ μὲν πῦρ τὸ θερμὸν, τὸ δ' ὕδωρ τὸ ὑγρὸν, τὸν τ' ἀέρα τὸ ψυχρὸν καὶ τὴν γῆν τὸ ξηρὸν, “Os quatro elementos juntos constituem a substância privada de qualidade, ou seja, a matéria: o fogo é o elemento quente, a água é o úmido, o ar é o frio e a terra é o seco” (Diog. Laert. VII, 137).

¹⁴ O tratado hipocrático *Da natureza do homem*, no entanto, centra sua análise no quente, frio, seco e úmido, para formular a teoria dos quatro humores e elucidar a fisiologia humana: Καὶ πάλιν γε ἀνάγκη ἀποχωρέειν ἐς τὴν ἐωυτοῦ φύσιν ἕκαστον, τελευτῶντος τοῦ σώματος τοῦ ἀνθρώπου, τό τε ὑγρὸν πρὸς τὸ ὑγρὸν καὶ τὸ ξηρὸν πρὸς τὸ ξηρὸν καὶ τὸ θερμὸν πρὸς τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν πρὸς τὸ ψυχρὸν. Τοιαύτη δὲ καὶ τῶν ζώων ἐστὶν ἡ φύσις, καὶ τῶν ἄλλων πάντων· γίνεται τε ὁμοίως πάντα καὶ τελευτᾷ ὁμοίως πάντα· ξυνίσταται τε γὰρ αὐτέων ἡ φύσις ἀπὸ τουτέων τῶν προειρημένων πάντων, καὶ τελευτᾷ κατὰ τὰ εἰρημένα ἐς τωυτό ὅθεν περ ξυνέστη ἕκαστον, ἐνταῦθα οὖν καὶ ἀπεχώρησεν, “É necessário, também, que cada humor retorne à sua própria natureza, tendo chegado ao seu fim o corpo do homem: o úmido ao úmido, o seco ao seco, o calor ao calor e o frio ao frio. Esta é a natureza dos animais e de todos os seres: tudo acontece da mesma maneira e termina da mesma forma. Pois a

visão, o quente e o frio atuam como forças produtivas que imprimem movimento, enquanto o seco e o úmido constam como componentes físicos.¹⁵ São, dessa forma, os objetos a serem manipulados pela medicina.¹⁶

τί ἐστὶ στοιχεῖον; στοιχεῖόν ἐστιν ἐξ οὗ πρώτου καὶ ἀπλουστάτου τὰ πάντα γέγονεν καὶ εἰς δ' ἀπλούστατον τὰ πάντα ἀναλυθήσεται. Ἀθήναιος δὲ ὁ Ἀτταλεὺς ἐν τῷ τρίτῳ βιβλίῳ φησὶν οὕτως. τίνα ἐστὶ τῆς ἰατρικῆς στοιχεῖα; τῆς ἰατρικῆς στοιχεῖά ἐστιν, ὥς τινες τῶν ἀρχαίων ὑπέλαβον, θερμόν καὶ ψυχρόν καὶ ξηρόν καὶ ὑγρόν.

O que é um elemento? Um elemento é a primeira e mais simples coisa da qual tudo veio a ser, e a coisa mais simples em que tudo será revolvido. Ateneu de Antália diz isso no terceiro livro. Quais são os elementos da medicina? Os elementos da medicina são, como supunham alguns antigos, o quente, o frio, o seco e o úmido (Ps.-Gal. *Def. Med.* 29, tradução nossa).

O texto pseudo-galênico *Definitiones medicae* atesta que os elementos da medicina são, segundo o pneumático Ateneu, as quatro qualidades corporais. Essa discussão reverberou em textos autênticos de Galeno, que proferiu fortes críticas contra essa ideia. Em *Sobre os elementos segundo Hipócrates*, ele acusa os pneumáticos de reduzirem o arcabouço da medicina às relações entre o quente, o frio, o seco e o úmido.¹⁷ Nesse mesmo tratado, ele cita uma passagem

natureza dos seres é formada a partir de todos estes humores já mencionados, e, segundo o que foi dito, acaba e se desintegra exatamente lá, onde cada um se formou" (Hippoc., *Nat. hom.*, 3).

¹⁵ As quatro qualidades corporais são, de acordo com a análise de Leith, compreendidas como os “elementos” da medicina de Ateneu. Dois tratados pseudo-galênicos (*Introductio sive medicus* e *Definitiones medicae*) e um tratado galênico autêntico (*Sobre os elementos segundo Hipócrates*) são referências importantes, por promoverem uma análise crítica da teoria de Ateneu: “The principal sources for Athenaeus’ elemental theory can be divided into two groups. On the one hand, we have testimonia from two pseudo-Galenic treatises, the *Definitiones Medicae* (Def. Med.) and the *Introductio sive Medicus* quoted from above. The *Definitiones Medicae* may originally have been compiled somewhere around AD 100, while the *Introductio sive Medicus* is thought to have been written perhaps about 50-100 years later, probably during Galen’s lifetime. The other major source is a lengthy critique of Athenaeus’ theory found in chapter 6 of Galen’s treatise *On the Elements According to Hippocrates*” (Leith, 2024, p. 169).

¹⁶ No *Anônimo de Londres* há uma citação de Herófilo, segundo a qual os elementos da medicina são, para os anatomistas de Alexandria, as partes constituintes do corpo: τοῦ σώματος | [μ(έν) ο]ῦν τὰ μ(έν) (ἐστὶ) ἀπλᾶ μέρη, τὰ δὲ σύνθετα· | ἀπλᾶ δὲ καὶ σύνθετα λαμβάνομεν(εν) π(ρὸς) αἴσθησιν καθὼς καὶ Ἡρόφιλος ἐπισημειοῦται λέγων ο(ὕτως)· “λεγέσθω δὲ τὰ φαινόμενα | π[ρ]ῶτα καὶ εἰ μὴ (ἐστὶν) πρῶτα”. ... ἀπλᾶ μ(έν) οὔν (ἐστὶ) τὰ ὁμοιομερῆ, κ(ατὰ) τὰς τομὰς διαιρούμενα | εἰς ὁμ[οι]α μέρη ὡς ἐγκέφαλός τε καὶ νεῦρον καὶ ἀρτηρία, φλὲξ καὶ τὰ ὑγρά, “Algumas partes do corpo são simples, outras compostas. Tomamos ‘simples’ e ‘composto’ em relação à percepção sensorial, como Herófilo também destaca quando ele fala da seguinte forma: ‘Que as coisas aparentes sejam chamadas primárias, mesmo que não sejam primárias’... Simples são as (partes) uniformes, que quando cortadas são divididas em partes semelhantes, como cérebro, nervo, artéria, veia e os fluidos” (Anon. Lond. XXI 18-23, 32-35, tradução nossa).

¹⁷ ἀλλ’ ἴσως φήσουσιν οἱ ἀπ’ Ἀθηναίου μὴ δ’ αὐτοὶ περὶ γε τούτων ἀποφαίνεσθαι μὴδὲν, ἐπέκεινα γὰρ εἶναι τῆς ἰατρικῆς τέχνης, ἀρκεῖν δ’ αὐτοῖς τὸ θερμόν καὶ ψυχρόν καὶ ξηρόν καὶ ὑγρόν, ἃ κἀν τοῖς ζώοις ἐναργῶς δεῖξαι δύνανται, στοιχεῖα καὶ τῶν σωμάτων ὑποθέσθαι καὶ τῆς ὅλης ἰατρικῆς. τὸ μὲν οὔν ὥσπερ ζῶου τῆς ἰατρικῆς

em que Ateneu alega que as quatro qualidades dizem respeito, especificamente, aos animais.¹⁸ Ideia que Galeno rejeita, afinal, por pressupor que as qualidades são meramente aparentes e os elementos verdadeiros são as partes “homeoméricas” do corpo.¹⁹

4. A centralidade do *pneuma*

Ἐν ταύτῳ δὲ γένει τῆς οὐσίας καὶ ἡ τῶν Στωϊκῶν περιέχεται δόξα· πνεῦμα μὲν γάρ τι τὴν ψυχὴν εἶναι βούλονται, καθάπερ καὶ τὴν φύσιν, ἀλλ’ ὑγρότερον μὲν καὶ ψυχρότερον τὸ τῆς φύσεως, ξηρότερον δὲ καὶ θερμότερον τὸ τῆς ψυχῆς. ὥστε καὶ τοῦθ’ ὕλη μὲν τις οἰκεία τῆς ψυχῆς ἐστὶ τὸ πνεῦμα, τὸ δὲ τῆς ὕλης εἶδος ἡ ποιά κρᾶσις ἐν συμμετρίᾳ γιγνομένη τῆς ἀερώδους τε καὶ πυρώδους οὐσίας· οὔτε γὰρ ἀέρα μόνον οἶόν τε φάναι τὴν ψυχὴν οὔτε πῦρ, ὅτι μήτε ψυχρὸν ἄκρως ἐγχωρεῖ γίγνεσθαι ζῶου σῶμα μήτ’ ἄκρως θερμὸν ἀλλὰ μηδ’ ἐπικρατούμενον ὑπὸ θατέρου κατὰ

tέχνης ὑποθέσθαι στοιχεῖα τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν καὶ τὸ ξηρὸν καὶ τὸ ὑγρὸν ὅσης ἀλογίας ἔχεται, τί ἂν ἐγὼ νῦν ἐπεξίωμι; κεκωμῶδηται γὰρ ὑπὸ πολλῶν ἤδη τὸ δόγμα καὶ ψόγον καὶ καταγέλωτα οὐ σμικρὸν ἔτι τε πρὸς τούτοις ἀπιστίαν οὐκ ὀλίγην τῷ παλαιῷ προσετρίψατο λόγῳ, “Talvez os seguidores de Ateneu digam que eles próprios nada dizem sobre essas coisas porque estão fora da arte médica; eles se contentam em tornar quente, frio, seco e úmido, o que eles podem observar em animais, tanto os elementos corpóreos quanto os de toda a medicina. Por que eu deveria insistir no imenso absurdo de tornar quentes, frios, secos e úmidos os elementos da arte médica, como se fossem de um animal? É uma ideia que foi ridicularizada por muitos e submeteu o antigo relato a censuras e zombarias e, ademais, uma desconfiança nada pequena” (Gal. *Hipp. Elem.* 6.10-12, tradução nossa).

¹⁸ ἐθαύμαζον δὲ καὶ πῶς οὐκ αἰσθάνεται συγγένων ἑαυτὸν ὁ Ἀθήναιος, ὃς θερμὸν μὲν καὶ ψυχρὸν καὶ ξηρὸν καὶ ὑγρὸν ὀνομάζων ἀπαξιοῖ πῦρ εἰπεῖν καὶ ἀέρα καὶ γῆν καὶ ὕδωρ. ναί φησι. τὰ γὰρ προσεχῇ λαμβάνω τῶν ζώων, οὐχὶ τὰ κοινὰ πάντων σωμάτων στοιχεῖα. καλοῦσι δὲ προσεχῇ τὰ οἷον ἴδια καὶ μηδενὸς ἄλλου τῶν ἀπάντων. ἐμοὶ δὲ καὶ κατ’ ἀρχὰς εὐθύς εἴρηται ἀμύητος διαφέρειν τὰ φαινόμενα στοιχεῖα τῶν ὄντως στοιχείων. ἔοικα δὲ καὶ νῦν εἶναι ὑπὲρ αὐτῶν διὸ μακροτέρων. εἴπερ ἐλάχιστόν τι καὶ ἀπλούστατόν ἐστι μόνον τὸ στοιχεῖον, εἴη ἂν ὡς πρὸς τὴν αἴσθησιν ὅστων καὶ χόνδρος καὶ σύνδεσμος καὶ ὄνυξ καὶ ἰθρίξ καὶ πτελὴ καὶ σὰρξ καὶ νεῦρον καὶ μυελὸς ἴνες τε καὶ ὕμενες καὶ ἀπλῶς εἰπεῖν ἅπαντα τὰ ὁμοιομερῆ στοιχεῖα τῶν ἀνθρωπίνων σωμάτων. ἄρ’ οὖν ὁ Ἀθήναιος ἔθετό που ταῦτα στοιχεῖα; καὶ μὴν αὐτός ἐστιν ὁ γράφων ἕκαστον μὲν τῶν ὁμοιομερῶν ἐκ τῶν πρώτων γεγονέναι στοιχείων, ἐκ δὲ τῶν ὁμοιομερῶν ἤδη τὰλλα συγκεῖσθαι τοῦ ζώου μόρια, “Fiquei surpreso que Ateneu não percebe que se confunde quando nomeia quente, frio, seco e úmido, mas evita nomear fogo, terra, água e ar. ‘Sim’, ele diz, ‘porque estou tomando os elementos concernentes aos animais, não os comuns a todos os corpos’ – e por próximos eles querem dizer ‘peculiar a’ e ‘de nada mais’. Mas eu disse no início que elementos aparentes são muito diferentes de elementos verdadeiros; parece-me que é, então, o momento de discutir essa diferença com maior detalhe. Se o elemento é alguma parte mínima e mais simples, seria no campo visível osso, cartilagem, ligamento, unha, cabelo, gordura, carne, nervo, medula, fibras e membranas, em suma, todas as partes homeoméricas seriam elementos de corpos humanos. Mas Ateneu fez destes os elementos? Ele é o mesmo que escreve que cada uma das partes homeoméricas surgiu dos primeiros elementos, e que as outras partes do animal são formadas a partir das partes homeoméricas” (Gal. *Hipp. Elem.* 6.27-30, tradução nossa).

¹⁹ Leith detalha a controvérsia de Galeno com Ateneu. Galeno presume as quatro qualidades como incorpóreas, ao passo que Ateneu e os estoicos as compreendem como estritamente corpóreas. Além disso, o princípio da comistão dos corpos, concepção estoica assumida por Ateneu, é rejeitada por Galeno. De maneira que Galeno se embasa em axiomas que divergem dos assumidos por Ateneu: “For Galen, as I have noted, qualities are incorporeal. Indeed, he describes a dispute on the issue he had held as a young man with his teacher who was a follower of Athenaeus. If the task, then, is to identify the corporeal constituents of human beings, it would hardly make sense to name incorporeal qualities, instead of the corporeal elements which they qualify. This essentially seems to be the nature of much of Galen’s critique in *On the Elements according to Hippocrates*. But of course Athenaeus and the Stoics believed that the qualities are corporeal. Nor did Galen accept the Stoic theory of blending through-and-through on which Athenaeus’ position appears to be founded, and in this respect too he was not prepared to engage with Athenaeus on his own terms” (Leith, 2024, p. 185).

μεγάλην ὑπεροχήν, ὅπουγε κἂν βρα- χεῖ πλεῖον γένηται τοῦ συμμέτρου, πυρέττει μὲν τὸ ζῶον ἐν ταῖς τοῦ πυρὸς ἀμέτροις ὑπεροχαῖς, καταψύχεται δὲ καὶ πελιδνοῦται καὶ δυσαίσθητον ἢ παν- τελῶς ἀναίσθητον γίγνεται κατὰ τὰς τοῦ ἀέρος ἐπικρατήσεις· οὗτος γὰρ αὐ- τός, ὅσον μὲν ἐφ’ ἑαυτῷ, ψυχρός ἐστιν, ἐκ δὲ τῆς πρὸς τὸ πυρῶδες στοιχεῖον ἐπιμιξίας εὐκρατος γίνεται. δῆλον οὖν ἤδη σοι γέγονεν, ὡς ἡ τῆς ψυχῆς οὐσία κατὰ ποιὰν κρᾶσιν ἀέρος τε καὶ πυρὸς γίγνεται κατὰ τοὺς Στωϊκοὺς,

A visão dos estoicos é que a alma está contida no mesmo gênero de substância. Porque pretendem que a alma seja uma espécie de *pneuma*, assim como a natureza, mas o *pneuma* natural é mais úmido e frio, enquanto o *pneuma* psíquico é mais seco e quente. Portanto, o *pneuma* constitui a alma e a forma dela é uma mistura proporcional que procede da substância aérea e ígnea. Pois não é possível dizer que a alma seja apenas ar ou apenas fogo, visto que o corpo de um animal não comportará o frio e o calor extremos, nem será tomado pelo excesso de um ou outro, caso em que, mesmo que o excesso supere a proporção somente em uma diminuta quantidade, o animal padecerá de febre nos excessos de fogo, e, por outro lado, o animal ficará gelado, empalidecerá e perderá a sensibilidade, caso predomine o ar. O ar, em si mesmo, é frio e torna-se temperado pela sua mistura com o fogo. Então, é evidente que, segundo os estoicos, a substância da alma é composta a partir de uma mistura equilibrada de ar e fogo (Gal. QAM 4 [SVF 2.787], tradução nossa).

Em *Quod animi mores corporis temperatura sequantur*, Galeno declara que o fogo é a causa na alma das sensações e dos impulsos. O *pneuma* não é um elemento em si, mas uma mistura equilibrada de ar e fogo, ou seja, entre o quente e o frio.²⁰ A ideia de Galeno é que em comparação com as plantas, os animais são mais quentes em virtude da prevalência do fogo na composição do *pneuma*. De modo que o fogo é, em última análise, a fonte da vida sensível. Para os estoicos, o *pneuma* forma uma mistura homogênea, de maneira que coexiste e atua sincronicamente por todo o corpo.²¹

²⁰ Leith alega, com base em uma fonte árabe pseudo-galênica, que o *pneuma* não é visto por Ateneu como um elemento objetivo. Trata-se de um produto que resulta de uma combinação entre dois elementos, o quente e o frio: "Relatedly, I think that it is also inaccurate to state that pneuma is a fifth element on the same level as the other four [...]. In an important testimony which survives only in Arabic translation, Galen tells us explicitly that for Athenaeus *pneuma* is a mixture of the active qualities hot and cold, which are themselves described as 'primary basic components.' This is precisely the view that Galen elsewhere attributes to Chrysippus, where Galen (characteristically, as we shall see in the next section) also says that this is equivalent to the view that *pneuma* is a mixture of the elements fire and air. So Galen clearly believed that Athenaeus adhered to an orthodox Stoic view, according to which *pneuma* is a composite of two elemental entities, but not an element itself. [...] the pseudo-Galenic author also implies that the Stoics believed that *pneuma* was a fifth element, which was not the case, but reflects the same misunderstanding as with Athenaeus. *Pneuma* was certainly a main component of the human body in Athenaeus' system, and of course it played a crucial role in his theory (his followers were named 'Pneumatists' after all), but it was not an element on all fours with the qualities" (Leith, 2024, pp. 177-178).

²¹ Hensley pondera que o *pneuma* não se combina ao corpo mediante um contato superficial, assim como os átomos se unem ou se separam. Para os estoicos, o *pneuma* se mistura ao corpo e forma uma unidade indiscernível: "Since *pneuma* governs unified bodies and coordinates their parts, it acts on them. Since *pneuma* acts on unified bodies, it makes physical contact with them. However, this does not occur by means of superficial contact, nor by mere

Em *De plenitudine*, Galeno declara que os estoicos compreendem o *pneuma* como uma substância ativa composta de ar e fogo.²² Ambos são os sustentáculos do corpo humano, na mesma proporção que a água e a terra são os elementos passivos, esteados por eles.²³ A interpretação da teoria estoica acerca da composição do *pneuma* de Galeno diverge da versão de Plutarco.²⁴ Plutarco, em *De Stoicorum repugnantiis*, afirma que os estoicos compreendem o ar como o elemento ativo da natureza, a causa fulcral da tensão unificadora dos corpos.²⁵ Na sua interpretação, o *tonos* do *pneuma* é o que imprime qualidade à matéria passiva, de maneira que o *pneuma* é, fundamentalmente, uma substância aérea.

contact by a juxtaposition, in the way that beans and grains of wheat touch. Rather, according to the Stoics, volumes of *pneuma* and the unified bodies they govern are totally blended. Consequently, according to the Stoic analysis of blending, unified bodies and their governing *pneumata* completely interpenetrate each other and form a mixture within which both substances are present everywhere. This is how a unified body's parts achieve the level of coordination required for sympathy: its governing *pneuma* is present everywhere within it and thus can act simultaneously in different locations of the body" (Hensley, 2020, p. 177).

²² ποιεῖν δ' εἰς ἑαυτὸ λέγειν ὅτι οὖν ἢ ἐνεργεῖν εἰς ἑαυτὸ παρὰ τὴν ἐννοιάν ἐστιν' οὕτως οὖν καὶ συνέχειν ἑαυτό. καὶ γὰρ οἱ μάλιστα εἰσηγησάμενοι τὴν συνεκτικὴν δύναμιν, ὡς οἱ Στωϊκοί, τὸ μὲν συνέχον ἕτερον ποιοῦσι, τὸ συνεχόμενον δὲ ἄλλο' τὴν μὲν γὰρ πνευματικὴν οὐσίαν τὸ συνέχον, τὴν δὲ ὑλικὴν τὸ συνεχόμενον ὅθεν ἀέρα μὲν καὶ πῦρ συνέχειν φασί, γῆν δὲ καὶ ὕδωρ συνέχεσθαι, "Os principais defensores do poder mantenedor, os estoicos, pensam que uma coisa é o que sustém e outra diversa o que é sustida: o sopro pneumático é o que sustém, e a substância material o que é sustida. E, dessa forma, fogo e ar conservam, enquanto água e terra são conservadas" (Gal. *De plen.* VII 525 = SVF II 439, tradução nossa).

²³ Conforme Piazzalunga, o calor e o frio (o fogo e o ar) exercem funções antagônicas e complementares no âmbito da física de Crisipo. O calor, por um lado, promove o movimento de expansão do *pneuma* rumo à periferia do cosmos. O frio, em contrapartida, o movimento de contração do *pneuma* em direção ao centro do cosmos: "Stoic physics is heavily based on the opposition between expansion and contraction, which are provoked by hot and cold, respectively. Thus, hot and cold, or the fiery and airy components of *pneuma*, are responsible for the movement of *pneuma* towards the periphery of the cosmos and the movement towards the centre, respectively. This is explicitly confirmed by a Galenic passage that attributes the inwards movement to cold and the outwards movement to fire. Thus, hot and cold play a central role in Chrysippean cosmology due to their ability to make things expand and contract" (Piazzalunga, 2023, pp. 437-438).

²⁴ Hensley confronta as duas abordagens e parece corroborar com a versão de Galeno e Alexandre de Afrodísia, por contemplarem certas nuances da teoria de Crisipo, ignoradas por Plutarco: "However, if Galen and Alexander's reports are accurate representations of Chrysippus' theory, they appear to conflict with Plutarch's report. If all *pneuma* is a blend of fire and air, then state, which is the type of *pneuma* that holds together inanimate unified bodies, cannot be made of air alone. But this is how Plutarch represents Chrysippus' view on the basis of a quotation from Chrysippus himself" (Hensley, 2020, p. 185).

²⁵ πάσχοντος γὰρ ἐστίν, οὐ δρῶντος οὐδὲ συνεχόντος ἀλλ' ἑξασθενοῦντος, ἢ τοιαύτη μεταβολή, καθ' ἣν ἀπόλλυσι τὰς αὐτοῦ ποιότητας, καίτοι πανταχοῦ τὴν ὕλην ἀργὸν ἐξ ἑαυτῆς καὶ ἀκίνητον ὑποκεῖσθαι ταῖς ποιότησιν ἀποφαίνουσι, τὰς δὲ ποιότητας πνεύματα οὖσας καὶ τόνους ἀερώδεις, οἷς ἂν ἐγγένωνται μέρει τῆς ὕλης, εἰδοποιεῖν ἕκαστα καὶ σχηματίζειν, "Pois tal mudança, pela qual perde suas próprias qualidades, é atributo de um paciente, não de um agente, e não de uma coisa que sustém, mas de uma coisa que é sustida. No entanto, afirmam por toda a parte que a matéria, sendo por sua própria natureza ociosa e imóvel, está sujeita a qualidades, e qualidades são espíritos que, sendo tensões aéreas, dão forma e figura a cada parte da matéria à qual aderem" (Plut. *De Stoic. Repug.* 1054a, tradução nossa).

O *pneuma* é genericamente ilustrado como um “sopro” que sobrevém do ar rarefeito que os homens inspiram e expiram. A respiração é, evidentemente, uma função vital para os homens e demais seres vivos.²⁶ O tratado hipocrático *Da doença sagrada* identifica a causa da epilepsia como a interrupção da passagem do ar pelo corpo.²⁷ No diálogo *Timeu*, Platão (427-347 a.C.)

²⁶ Horky sustenta que o conceito de *sympnoia* remonta à Crisipo e que o tratado hipocrático *Sobre os alimentos* foi influenciado por ideias estoicas. Na sua visão, a concepção de que o cosmos nas suas partes respira em conjunto, como um gigantesco ser vivo, emerge com o estoicismo: "It seems likely, then, that the Hippocratic *On Nutriment* is a text influenced by Stoicism, rather than the other way around, and moreover that similarities in the formulation found among the Post-Hellenistic Pythagoreans also point to a Stoic origin. [...] After examining texts written by a Roman didactic poet (Manilius), some Post-Hellenistic Pythagoreans (pseudo-Ecphantus and Moderatus), a materialist philosophical school (the Stoics), a famous doctor (Galen), and an unknown author of an enigmatic medical text (the Hippocratic author of *On Nutriment*), we can conclude that cosmic conspiracy as described here is ultimately the brainchild of the Stoics, and probably the transformative Chrysippus of Soli, whose contributions to philosophy are so wide and varied it becomes almost impossible to determine them" (Horky, 2021, pp. 62-63).

²⁷ ἦν δὲ τουτέων μὲν τῶν ὁδῶν ἀποκλεισθῆ, ἐς δὲ τὰς φλέβας, ἃς προεῖρηκα, τὸν κατὰρ' ὄον ποιήσεται, ἄφωνός τε γίνεται καὶ πνίγεται, καὶ ἀφρὸς ἐκ τοῦ στόματος ἐκρέει, καὶ οἱ ὁδόντες συνηρεῖκασιν, καὶ αἱ χεῖρες συσπῶνται, καὶ τὰ ὄμματα διαστρέφονται, καὶ οὐδὲν φρονέουσιν, ἐνίοισι δὲ καὶ ὑποχωρεῖ ἡ κόπρος κάτω: καὶ ταῦτα γίνεται ὅτε μὲν ἐς τὰ ἀριστερά, ὅτε δὲ ἐς τὰ δεξιὰ, ὅτε δὲ ἐς ἀμφοτέρω. ὅπως δὲ τούτων ἕκαστον πάσχει ἐγὼ φράσω: ἄφωνος μὲν ἐστὶν ὁκόταν ἐξαίφνης τὸ φλέγμα ἐπικατελθὼν ἐς τὰς φλέβας ἀποκλείσῃ τὸν ἥερα καὶ μὴ παραδέχῃται μήτε ἐς τὸν ἐγκέφαλον μήτε ἐς τὰς φλέβας τὰς κοίλας μήτε ἐς τὰς κοιλίας, ἀλλ' ἐπιλάβῃ τὴν ἀναπνοήν: ὅταν γὰρ λάβῃ ἄνθρωπος κατὰ τὸ στόμα καὶ τοὺς μυκτῆρας τὸ πνεῦμα, πρῶτον μὲν ἐς τὸν ἐγκέφαλον ἔρχεται, ἔπειτα δὲ ἐς τὴν κοιλίην τὸ πλεῖστον μέρος, τὸ δὲ ἐπὶ τὸν πλεύμονα, τὸ δὲ ἐπὶ τὰς φλέβας. ἐκ τουτέων δὲ σκίδνεται ἐς τὰ λοιπὰ μέρη κατὰ τὰς φλέβας: καὶ ὅσον μὲν ἐς τὴν κοιλίην ἔρχεται, τοῦτο μὲν τὴν κοιλίην διαψύχει, καὶ ἄλλο τι οὐδὲν ξυμβάλλεται: ὁ δ' ἐς τὸν πλεύμονα τε καὶ τὰς φλέβας ἀπὸ ξυμβάλλεται ἐς τὰς κοιλίας ἐσιῶν καὶ ἐς τὸν ἐγκέφαλον, καὶ οὕτω τὴν φρόνησιν καὶ τὴν κίνησιν τοῖσι μέλεσι παρέχει, ὥστε, ἐπειδὴν ἀποκλεισθῶσιν αἱ φλέβες τοῦ ἥερος ὑπὸ τοῦ φλέγματος καὶ μὴ παραδέχωνται, ἄφωνον καθιστᾶσι καὶ ἄφρονα τὸν ἄνθρωπον. αἱ δὲ χεῖρες ἀκρατέες γίνονται καὶ σπῶνται, τοῦ αἵματος ἄτρεμίσαντος καὶ μὴ διαχομένου ὥσπερ εἰώθει. καὶ οἱ ὀφθαλμοὶ διαστρέφονται, τῶν φλεβίων ἀποκλεισμένων τοῦ ἥερος καὶ σφυζόντων. ἀφρὸς δὲ ἐκ τοῦ στόματος προέρχεται ἐκ τοῦ πλεύμονος: ὅταν γὰρ τὸ πνεῦμα μὴ ἐσίῃ ἐς αὐτόν, ἀφρέει καὶ ἀναβλύει ὥσπερ ἀποθνήσκων. ἡ δὲ κόπρος ὑπέρχεται ὑπὸ βίης πνιγόμενου: πνίγεται δὲ τοῦ ἥπατος καὶ τῆς κοιλίας ἄνω πρὸς τὰς φρένας προσπεπτωκότων καὶ τοῦ στομάχου τῆς γαστρὸς ἀπειλημμένου: προσπίπτει δὲ ὁκόταν τὸ πνεῦμα μὴ ἐσίῃ ἐσίῃ ἐς τὸ στόμα ὅσον εἰώθει. λακτίζει δὲ τοῖσι ποσὶν, ὁκόταν ὁ ἀπὸ ἀποκλεισθῇ ἐν τοῖσι μέλεσι καὶ μὴ οἷός τε ἔη διεκδῦναι ἕξω ὑπὸ τοῦ φλέγματος: αἵσων δὲ διὰ τοῦ αἵματος ἄνω καὶ κάτω σπασμὸν ἐμποιεῖ καὶ ὀδύνην, διὸ λακτίζει. ταῦτα δὲ πάσχει πάντα, ὁκόταν τὸ φλέγμα ψυχρὸν παρὰρ' ὕψι ἐς τὸ αἷμα θερμὸν ἔον: ἀποψύχει γὰρ καὶ ἴσθησι τὸ αἷμα: κῆν μὲν τὸ π' εὔμα πολὺ ἔη καὶ παχὺ, αὐτίκα ἀποκτείνει: κρατεῖ γὰρ τοῦ αἵματος τῷ ψύχει καὶ πήγνυσιν: ἦν δὲ ἔλασσον ἔη, πὸ μὲν παραντῖκα κρατεῖ ἀποφράξαν τὴν ἀναπνοήν: ἔπειτα τῷ χρόνῳ ὁκόταν σκεδασθῇ κατὰ τὰς φλέβας καὶ μιγῇ τῷ αἵματι πολλῷ ἔοντι καὶ θερμῷ, ἦν κρατηθῇ οὕτως, ἐδέξαντο τὸν ἥερα αἱ φλέβες, καὶ ἐφρόνησαν, "Se (o fleuma) fica bloqueado nesse trajeto produz-se o fluxo para as veias das quais já falei; o indivíduo torna-se afônico e fica sufocado, e cai-lhe espuma da boca. Os dentes se cerram, as mãos se contraem, os olhos reviram, o indivíduo perde a consciência, e alguns eliminam excremento. Essas coisas ocorrem às vezes pelo lado esquerdo; outras vezes, pelo direito, e outras ainda, por ambos os lados. Eu explicarei como acontece cada uma dessas coisas. O indivíduo torna-se afônico quando repentinamente o fleuma que foi para as veias bloqueia o ar, e não é recebido pelo cérebro, nem pelas veias cavas, nem pelas cavidades, mas intercepta a respiração; porque quando o homem toma o fôlego pela boca e pelas narinas, este chega primeiramente ao cérebro; em seguida, vai majoritariamente para o ventre, uma parte ainda vai para o pulmão, e outra, para as veias. Dessas partes, o fôlego distribui-se às outras através das veias. O que chega ao ventre, resfria o ventre, e não serve para nenhuma outra coisa. O ar que é lançado ao pulmão e às veias, chegando às cavidades e ao cérebro, torna, dessa forma, possíveis o pensamento e o movimento dos membros; de sorte que, quando as veias são privadas do ar por causa do fleuma, e não o recebem, o homem torna-se afônico e sem consciência. As mãos tornam-se impotentes, e contorcem-se, uma vez que permanece o sangue imóvel e não se distribui, como de costume. Os

faz uma longa explicação do caráter orgânico da respiração.²⁸ No que diz respeito aos estoicos, mais do que possuir uma singular relevância, a respiração se insere em uma conjunção

olhos reviram, posto que as veias não recebem ar e tornam-se túrgidas. Provinda do pulmão, a espuma sai da boca; pois quando o fôlego não entra nele, o indivíduo espuma e ebule, como se estivesse morrendo. O excremento sobrevém por força do sufocamento, e há sufocamento quando o fígado e o ventre são pressionados para cima, em direção aos diafragmas, e há obstrução na boca do estômago. Ocorre pressão, quando o fôlego não entra na boca, como de costume. O indivíduo bate os pés quando o ar é interceptado nos membros e não é capaz de escorrer para fora, devido ao fleuma. (O ar), lançando-se para cima e para baixo através do sangue, produz espasmo e dor; por isso, o indivíduo esperneia. Tudo isso ocorre, quando o fleuma frio flui para o sangue, que é quente, pois o sangue esfria e se estagna. Se o fluxo for abundante e espesso, o indivíduo morre imediatamente. Pois o fluxo de fleuma supera o sangue através do frio e o coagula. Mas se esse fluxo for menor, ele controla imediatamente a respiração que está obstruída. Em seguida, depois de algum tempo, quando (o fleugma frio) se espalha pelas veias e se mistura ao sangue abundante e quente, caso seja assim controlado, as veias recebem o ar, e os indivíduos recobram a consciência” (Hippoc. *Morb. sacr.* 7, Littre).

²⁸ πάλιν δὲ τὸ τῆς ἀναπνοῆς ἴδωμεν πάθος, αἷς χρώμενον αἰτίαις τοιοῦτον γέγονεν οἷόνπερ τὰ νῦν ἐστίν. ὧδ’ οὖν. ἐπειδὴ κενὸν οὐδὲν ἐστίν εἰς ὃ τῶν φερομένων δύναται ἂν εἰσελθεῖν τι, τὸ δὲ πνεῦμα φέρεται παρ’ ἡμῶν ἔξω, τὸ μετὰ τοῦτο ἤδη παντὶ δῆλον ὡς οὐκ εἰς κενόν, ἀλλὰ τὸ πλησίον ἐκ τῆς ἔδρας ὠθεῖ: τὸ δ’ ὠθούμενον ἐξελαύνει τὸ πλησίον αἰεὶ, καὶ κατὰ ταύτην τὴν ἀνάγκην πᾶν περιελαυνόμενον εἰς τὴν ἔδραν ὅθεν ἐξῆλθεν τὸ πνεῦμα, εἰσιὼν ἐκεῖσε καὶ ἀναπληροῦν αὐτὴν συνέπεται τῷ πνεύματι, καὶ τοῦτο ἅμα πᾶν οἷον τροχοῦ περιαγομένου γίγνεται διὰ τὸ κενὸν μηδὲν εἶναι. διὸ δὴ τὸ τῶν στηθῶν καὶ τὸ τοῦ πλευμονος ἔξω μεθιέν τὸ πνεῦμα πάλιν ὑπὸ τοῦ περὶ τὸ σῶμα ἀέρος, εἴσω διὰ μανῶν τῶν σαρκῶν δυομένου καὶ περιελαυνόμενου, γίγνεται πληῖρες: αὐθις δὲ ἀποτρεπόμενος ὁ ἀήρ καὶ διὰ τοῦ σώματος ἔξω ἰὼν εἴσω τὴν ἀναπνοὴν περιωθεῖ κατὰ τὴν τοῦ στόματος καὶ τὴν τῶν μυκτῆρων δίοδον. τὴν δ’ αἰτίαν τῆς ἀρχῆς αὐτῶν θετέον τήνδε. πᾶν ζῶον αὐτοῦ τάντὸς περὶ τὸ αἷμα καὶ τὰς φλέβας θερμότητά ἐχει, οἷον ἐν ἑαυτῷ πηγὴν τινα ἐνοῦσαν πυρός: ὃ δὴ καὶ προσηκάζομεν τῷ τοῦ κύρτου πλέγματι, κατὰ μέσον διατεταμένον ἐκ πυρὸς πεπλέχθαι πᾶν, τὰ δὲ ἄλλα ὅσα ἔξωθεν, ἀέρος. τὸ θερμὸν δὴ κατὰ φύσιν εἰς τὴν αὐτοῦ χώραν ἔξω πρὸς τὸ συγγενὲς ὁμολογητέον ἰέναι: δυοῖν δὲ τοῖν διεξόδοις οὔσαιν, τῆς μὲν κατὰ τὸ σῶμα ἔξω, τῆς δὲ αὖ κατὰ τὸ στόμα καὶ τὰς ῥίνας, ὅταν μὲν ἐπὶ θάτερα ὁρμήσῃ, θάτερα περιωθεῖ, τὸ δὲ περιωσθὲν εἰς τὸ πῦρ ἐμπίπτον θερμαίνεται, τὸ δ’ ἐξίον ψύχεται. μεταβαλλούσης δὲ τῆς θερμότητος καὶ τῶν κατὰ τὴν ἑτέραν ἔξοδον θερμότερων γιγνομένων πάλιν ἐκεῖνη ῥέπον αὖ τὸ θερμότερον μᾶλλον, πρὸς τὴν αὐτοῦ φύσιν φερόμενον, περιωθεῖ τὸ κατὰ θάτερα: τὸ δὲ τὰ αὐτὰ πάσχον καὶ τὰ αὐτὰ ἀνταποδιδόν αἰεὶ, κύκλον οὕτω σαλευόμενον ἔνθα καὶ ἔνθα ἀπειργασμένον ὑπ’ ἀμφοτέρων τὴν ἀναπνοὴν καὶ ἐκπνοὴν γίνεσθαι παρέχεται, “Vejamos novamente as impressões da respiração e de que causas se serve para ser do modo como é agora. Passe-se o seguinte: quando já não há nenhum vazio em que possa entrar alguma das coisas que se movimentam, e como o sopro respiratório sai de dentro de nós, o que se sucede é evidente para todos: ele não vai para o vazio, mas empurra o ar que está próximo de si para fora do seu lugar; este, ao ser empurrado, desloca incessantemente o ar próximo de si e, de acordo com esta necessidade, todo ele se desloca, num movimento circular, em direção ao lugar de onde sai o sopro respiratório. Entra nesse lugar e preenche-o, seguindo o sopro respiratório. E tudo isto ocorre em simultâneo, semelhante ao girar de uma roda por não existir qualquer vazio. É por isso que a zona do peito e do pulmão, quando expelle o sopro respiratório para o exterior, fica novamente cheia do ar que circunda o corpo, pois este entra através da carne porosa e circula dentro dele; quando o ar regressa e se dirige para o exterior através do corpo, força o ar inspirado a entrar pela passagem das narinas e pela boca. Devemos estabelecer que a causa deste princípio é a seguinte: em todos os seres vivos, as partes interiores que circundam o sangue e os vasos sanguíneos são as mais quentes, como se, dentro do próprio corpo, houvesse uma fonte de fogo; foi isto que comparamos à trança da nassa, quando foi dito que toda ela estava entretecida com fogo no centro e as outras partes do exterior com ar. Portanto, devemos admitir que o que é quente se dirige por natureza para o exterior em direção ao lugar de que é congênera. Como há duas saídas – uma através do corpo para o exterior, outra através da boca e das narinas – quando corre para uma, empurra o ar em círculos na outra; o ar empurrado em círculos choca contra o fogo e é aquecido; o que sai é arrefecido. À medida que se dá o intercâmbio de calor e o ar que transita pela outra saída fica mais quente, este, por ser mais quente, é o que está mais inclinado a voltar àquela saída; movimentando-se por natureza na sua direção, empurra em círculos o ar que vai para a outra. Por receber sempre os mesmos impulsos e reagir sempre da mesma maneira, ao oscilar de um lado para o outro e ao produzir este movimento circular, provoca, por meio desta duplicidade, a formação de inspiração e expiração” (Pl. *Ti.* 79ae).

complexa. O ar se converte em *pneuma* psíquico depois de absorvido e modificado pelo corpo. O ar possui uma dupla função para o *pneuma*: [I] resfriá-lo em um movimento de contração, para atenuar o seu movimento de expansão que aquece o corpo; [II] nutrir o *pneuma* como uma substância necessária à sua manutenção.²⁹

Esse autem unitatem in aere uel ex hoc intellegi potest quod corpora nostra inter se cohaerent. Quid enim est aliud quod teneat illa quam spiritus? Quid est aliud quo animus noster agitetur? Quid est illi motus nisi intentio? Quae intentio nisi ex unitate? Quae unitas, nisi haec esset in aere? Quid autem aliud producit fruges et segetem imbecillam ac uirentes exigit arbores aut distendit in ramos aut in altum erigit quam spiritus intentio et unitas?

E que o ar é indivisível pode se deduzir, inclusive, do seguinte: nossos corpos possuem coesão interna. No entanto, que outra coisa nos mantém, senão o ar? Que outra causa mantém a atividade do nosso espírito? Que movimento lhe é característico, senão a tensão? Que tensão à exceção daquela que emana da unidade? Haveria unidade se o ar dela não usufrísse? E que outro fator produz os frutos, as colheitas, faz brotar árvores verdes, desabrocha seus ramos ou os eleva às alturas, a não ser a tensão e a unidade do ar? (Sen. *QNat.* II 7, tradução nossa).

Em *Naturalium Questionum*, Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) identifica o ar como a substância mantenedora do espírito dos homens.³⁰ É o *tonos* do ar que o define como o elemento ativo que governa a natureza. O epicurismo concebe o ar como uma substância porosa e inconsistente, constituído por átomos, separados pelo vazio. Sêneca contesta a física epicurista para reafirmar a teoria estoica de que o ar é uma substância compacta, não permeada pelo vazio.³¹ Todos os

²⁹ Piazzalunga revela que a tese de Praxágoras, de que o *pneuma* é o que nutre o corpo, e a tese de Aristóteles, de que o *pneuma* esfria o corpo, foram incorporadas por Crisipo: “Thus, does cold air nourish or does it cool pneuma? [...] the evidence we have suggests that the main task of air in this context is to cool and contract – and this constituted an innovation introduced by Chrysippus that can be better understood against the background of the Aristotelian theory of respiration. However, a nourishing function of air is to be assumed, as well, such that this element appears to have a twofold role. If this is the case, Chrysippus’ theory appropriates and combines Praxagoras’ and Aristotle’s models, retaining the advantages of both” (Piazzalunga, 2023, p. 455).

³⁰ Anaxímenes e Diógenes de Apolônia influenciaram Sêneca, com a ideia de que o ar exerce um papel privilegiado em toda a natureza. O primeiro arguiu que a *psique* tem uma textura aérea: οἶον ἢ ψυχὴ, φησὶν, ἢ ἡμετέρα ἀήρ οὐσα συγκρατεῖ ἡμᾶς, καὶ ὅλον τὸν κόσμον πνεῦμα καὶ ἀήρ περιέχει, “Nossa alma, enquanto ar, nos mantém unidos, assim como sopro e ar conservam o cosmos como um todo” (Aët. I 3, 4 [D. 278], tradução nossa). O segundo, na mesma linha, defende a ideia de que o ar é o princípio da vida e da inteligência dos homens: ἔτι δὲ πρὸς τούτοις καὶ τάδε μεγάλα σημεία. ἄνθρωποι γὰρ καὶ τὰ ἄλλα ζῶια ἀναπνέοντα ζῶει τῷ ἀέρι. καὶ τοῦτο αὐτοῖς καὶ ψυχὴ ἐστὶ καὶ νόησις, ὡς δεδηλώσεται ἐν τῇδε τῇ συγγραφῇ ἐμφανῶς, καὶ ἐὰν τοῦτο ἀπαλλαχθῇ, ἀποθνήσκει καὶ ἡ νόησις ἐπιλείπει, “Todos os seres, inclusive o homem, vivem inalando ar. É o que constitui o seu espírito e a sua inteligência, e se estiverem despojados disso morrem e perdem a sua inteligência” (SimpL. phys. 151, 28, Fragmento 4 [4^b], tradução nossa).

³¹ Le Blay problematiza a suposição de que Sêneca seja um adepto da medicina pneumática. Mas reconhece que o pneumatismo exercia grande influência entre os romanos: “Coming to this point of our inquiry about Pneumatism, we cannot reach a doctrinal conclusion. It seems impossible to demonstrate whether the pneumatic school of

corpos são dotados de *pneuma*. O que os diferencia é justamente a atuação do *pneuma* que é a fonte do movimento. O *pneuma* é, para os estoicos, uma espécie de ar que conserva os seres vivos. Seja nas raízes de uma planta ou nos músculos dos animais, o ar é o elemento que produz coesão nos corpos e movimento nos seres vivos.

5. Considerações finais

Quanto a Ateneu de Antália, fundou a seita médica conhecida como pneumática. Segundo a sua doutrina há uma causa que é o “sustentáculo” da doença, pois ele se inspirou nos estoicos e foi aluno de Possidônio. [...] Os três tipos [de causas] de Ateneu são os seguintes: as causas sustentadoras [ou seja, συνεκτικά], as causas anteriores [ou seja, προηγούμενα] e as causas antecedentes [ou seja, προκαταρκτικά]. A última se refere às coisas externas que produzem alguma mudança no corpo. [...] Alterações sucedem no *pneuma* inato por essas causas juntamente com o que é externo, gerando umidade, secura, calor ou frio, reconhecidas como as causas sustentadoras da doença. Afinal, na visão de Ateneu, o *pneuma*, ao penetrar as partes homeoméricas do corpo, as modifica mediante sua própria mudança e as assimila a si mesmo... A causa sustentadora da doença é o *pneuma*, que excedeu no calor, no frio, na secura ou na umidade. O que os seguidores dessa seita chamam de causas antecedentes são os fluidos engendrados pelo corpo quando estão demasiadamente quentes, frios, úmidos ou secos... Este tipo [ou seja, as causas antecedentes], na sua opinião, são os venenos de criaturas venenosas, como o de cães raivosos, e todas as drogas” (Gal. *De Causis Contentivis* 2, tradução nossa).³²

Em *De causis contentivis* Galeno revela as raízes estoicas de Ateneu de Antália. O testemunho histórico de Galeno indica de maneira mais precisa o período histórico de sua vida. Possidônio faleceu em 51 a.C., o que revela, caso o relato de Galeno seja verdadeiro, que o precursor dos pneumáticos era atuante no século I a.C., e não no século seguinte.³³

medicine had a decisive influence on the writing of Seneca's *Problems in Nature* or not. We should rather consider that Pneumatism had a large influence as a general aetiological model on Latin authors. Poseidonios' writings might have played an important part in the adoption of spiritus as a universal agent in post-Aristotelian meteorology. Lucretius, his contemporary, may be the first witness to this influence – which, as one knows, was strong and durable in the Roman world: nevertheless he was not a Stoic” (Le Blay, 2014, p. 74).

³² Esse trecho foi traduzido de uma tradução em língua inglesa de Leith (2024) exposta em *Athenaeus of Attaleia on the Elements of Medicine*. A referência da citação de Leith é uma tradução em latim de Lyons (1969) feita com base em uma antiga tradução em árabe do tratado *De causis contentivis*.

³³ Leith supõe, em razão da proximidade da cidade natal de Ateneu com a cidade onde Possidônio atuava (Antália e Rodes, respectivamente), que ambos os filósofos foram companheiros de estudos durante a primeira metade do século I a.C.: “We do not know exactly where Athenaeus studied or practised, but given that his home town Attaleia in Pamphylia is not far from Rhodes, where Posidonius established himself not long after 100 BC, it seems a plausible guess that he studied with him in Rhodes for some time during the first half of the first century BC. The absence of any reference to Athenaeus or his doctrines in Roman medical writings of the early Principate, especially Celsus, has suggested to some that his influence may not have immediately extended to Rome, though

Galeno indica que a compreensão de Ateneu acerca da causa das doenças é inspirada em Possidônio. As três causas das doenças são: [I] as antecedentes, [II] as anteriores e [III] as sustentadoras. As primeiras se dão no campo da influência do mundo exterior sobre o corpo. As segundas concernem às reações do corpo a essa influência. As últimas são, por fim, o desfecho das duas primeiras, uma consequente alteração qualitativa no *pneuma*. As doenças são desencadeadas pelo estado do *pneuma*, que, por sua vez, padece com o excesso do quente, do frio, do seco ou do úmido. As qualidades corporais são afetadas pelo mundo exterior: fatores dietéticos, farmacológicos, sociais e ambientais interferem na disposição do *pneuma*. Para Ateneu, a causa fundamental das doenças é o *pneuma*, que assimila as partes do corpo, de maneira que o seu estado é o que configura a disposição física dos homens.

O crescimento dos seres vivos e a manutenção da vida dependem essencialmente do *pneuma*.³⁴ Para os pneumáticos do círculo de Ateneu de Antália, as doenças são decorrências de afecções na composição do *pneuma*. Teoria que rendeu a alcunha dos adeptos da sua seita de “pneumáticos”. Ateneu propõe que as doenças são desencadeadas por uma alteração na composição do *pneuma*.³⁵ Os estados patológicos resultam da *discrasia*, uma má mistura do *pneuma* no interior do corpo. A influência de fatores socioambientais, o uso de fármacos e a

his later followers Agathinus of Sparta and Archigenes would certainly have a powerful impact on medicine in Rome in the mid-to later first century AD” (Leith, 2024, p 167).

³⁴ Aristóteles (384-322 a.C.) afirma que o *pneuma* fornece calor à alma e é, portanto, a fonte primária da vida: Γίνεται δ' ἐν γῇ καὶ ἐν ὑγρῷ τὰ ζῶα καὶ τὰ φυτὰ διὰ τὸ ἐν γῇ μὲν ὕδωρ ὑπάρχειν, ἐν δ' ὕδατι πνεῦμα, ἐν δὲ τούτῳ παντὶ θερμότητα ψυχικὴν, ὥστε τρόπον τινὰ πάντα ψυχῆς εἶναι πλήρη, “Animais e plantas são formados na terra e na água, pois a água se encontra na terra, e o *pneuma* na água, e em todos o *pneuma* é o calor da alma, de modo que até certo ponto todas as coisas estão repletas de alma” (Arist., *Gen. an.* 762a, tradução nossa).

³⁵ Os pneumáticos diferenciam dois tipos de *pneuma*: o digestivo e o conato. O digestivo é, em si mesmo, patológico, porque a sua mera presença é perturbadora. A terapia visa expeli-lo do corpo mediante a dieta ou pelo uso de fármacos. Vômitos, arroto, defecação e banhos eram indicados como meios de eliminá-lo do corpo. O conato tem uma função composicional, é o alicerce que provê a saúde. A sua mudança qualitativa prejudica as funções naturais do corpo. Coughlin e Lewis comentam a distinção estabelecida pelos pneumáticos entre os dois gêneros de *pneuma*: “There are two types or manifestations of *pneuma* as an object of treatment in the theories of the Pneumatist physicians. The first is the *pneuma* arising in the digestive system and whose presence as such is disruptive. This *pneuma* is a part of treatment in so far as it has to be expelled. In order to achieve this, physicians induce belching, vomiting and stools by regimen and pharmacological means such as baths, drugs and remedies they applied externally. Some of these are described by Archigenes as means to ‘summon the *pneuma*’ (τὸ πνεῦμα προσκαλεῖν), i.e. to draw it out of the stomach and body. Pathological *pneuma* is a fairly common idea in antiquity. Where the Pneumatist therapeutic theory stands out is in its concern with a second kind of *pneuma*, namely the connate, compositional *pneuma* required for healthy bodily functions. We have seen that under certain circumstances this *pneuma* may undergo a qualitative alteration that incapacitates it or makes it, and thus the body, dysfunctional; in such cases it must be restored to its natural, healthy state” (Coughlin and Lewis, 2020, p. 223).

dieta modificam a disposição corpórea e interferem na *dynamis* do *pneuma*. A condição do *pneuma* pode ser examinada mediante a observação do pulso arterial. O médico deve localizar as partes do corpo em que o *pneuma* está em dissonância. Os tratamentos visam, portanto, reverter o estado patológico e recobrar a *eucrasia*, ou seja, a mistura adequada do *pneuma* no corpo enfermo. As causas das doenças são compreendidas pelos pneumáticos como estados fisiológicos de desarmonia na composição do *pneuma*.

Referências

- ARISTOTLE. *Generation of animals*. Translation by A. L. Peck. London: William Heinemann Ltd; Cambridge: Harvard University Press, 1937.
- ARISTOTELIS. *Opera*. Immanuelis Bekkeri. Oxford: Oxonii e Typographeo Academico, 1837.
- ARNIM, Hans Von. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Eugene: Wipf and Stock, 1903.
- CAIRUS, Henrique; RIBEIRO, Wilson. *Textos Hipocráticos: o Doente, o Médico e a Doença*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2005.
- COUGHLIN, Sean and LEWIS, Orly. *Pneuma and the Pneumatist school of medicine*. In COUGHLIN, Sean and LEITH, David and LEWIS, Orly. *The Concept of Pneuma after Aristotle*. Berlin: Berlin Studies of the Ancient World, 2020.
- DE LACY, Phillip. *Galen De Elementis ex Hippocratis Sententia*. Berlin: Akademie-Verlag, 1972.
- DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker: griechisch und deutsch*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1906.
- DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of Eminent Philosophers*. Tiziano Dorandi Edition. Cambridge: Cambridge University Tradução Press, 2013.
- FORTUNA, Stefania. *Pseudo-Galenic texts in the editions of Galen (1490-1689)*. Journal of History of Medicine and Medical Humanities, 32/1, p. 117-138, 2020.
- GALENO. *Sobre as escolas de medicina para os iniciantes*. Tradução de Rodrigo Brito. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- HENSLEI, Ian. *The physics of pneuma in Early Stoicism*. In *The Concept of Pneuma after Aristotle*. Berlin: Berlin Studies of the Ancient World, 2020.
- HINE, Harry. *Lucius Annaeus Seneca, Opera: Naturalium Quaestionum Librei*. Stuttgart und Leipzig: De Gruyter, 1996.
- HIPPOCRATES. *Hippocrates Vol. IV*. Translation by William Jones. London: William Heinemann Ltd, 1959.
- HIPPOCRATES. *Oeuvres Completes D'Hippocrate*. Émile Littre. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1961.
- HORKY, Phillip. *On common breath: 'conspiration' from the Stoics to the Church Fathers*. In *The Life of Breath in Literature, Culture and Medicine Classical to Contemporary*. Edited by David Fuller, Corinne Saunders and Jane Macnaughton. Durham: Palgrave, 2021.

- KOLLESCH, Jutta. *Untersuchungen zu den Pseudogalenischen Definitiones Medicae*. Berlin: Akademie-Verlag, 1973.
- KOLLESCH, Jutta. *Galen: Definitiones Medicae*. Berlin: De Gruyter, 2023.
- KÜHN, Karl. *Claudii Galeni Opera Omnia*. Leipzig: C. Cnobloch, 1821-1833.
- KUPREEVA, Inna. *Galen's Theory of Elements*. In *Philosophical Themes in Galen*. Edited by P. Adamson, R. Hansberger and J. Wilberding. London: Institute of Classical Studies, 2014.
- LE BLAY, Frédéric. *Pneumatism in Seneca: An Example of Interaction between Physics and Medicine*. In *Greek' and 'Roman' in Latin Medical Texts*. Koninklijke Brill NV, Leiden, 2014.
- LEITH, David. *Athenaeus of Attaleia on the Elements of Medicine*. *Apeiron*, 57 (2), p. 165-193, 2024.
- LEITH, David. *The pneumatic theories of Erasistratus and Asclepiades*. In *The Concept of Pneuma after Aristotle*. Edited by Sean Coughlin, David Leith and Orly Lewis. Berlin: Berlin Studies of the Ancient World, 2020.
- LEWIS, Orly and LEITH, David. *Ideas of pneuma in Early Hellenistic medical writers*. In *The Concept of Pneuma after Aristotle*. Edited by Sean Coughlin, David Leith and Orly Lewis. Berlin: Berlin Studies of the Ancient World, 2020.
- LONG, Antony. *Pneumatic Episodes from Homer to Galen*. In *The Life of Breath in Literature, Culture and Medicine Classical to Contemporary*. Edited by David Fuller, Corinne Saunders and Jane Macnaughton. Durham: Palgrave, 2021.
- LYONS, Malcolm. *Galen De causis contentivis, in CMG Suppl. Or. II*. Berlin: Akademie-Verlag, 1969.
- MANETTI, Daniela. *Anonymus Londiniensis, De Medicina*. Berlin: De Gruyter, 2022.
- PETIT, Caroline. *Galien. Tome III: Le Médecin. Introduction*. Paris: Les Belles Lettres, 2009.
- PLUTARCH. *Plutarchi Chaeronensis Moralia, Vol. VI*. Edition by Grégorios Vernardakēs. Leipzig: Teubner, 1895.
- PLUTARCH. *Plutarch's Morals, Vol. IV*. Translation by William Goodwin. Boston: Little, Brown, and Company; Cambridge, MA: Press of John Wilson and Son, 1874.
- PIAZZALUNGA, Arianna. *Chrysippus' Theory of Cosmic Pneuma: Some Remarks in Light of Medical and Biological Doctrines on Respiration, Digestion and Pulse*. *Apeiron*, 56 (3), p. 431-467, 2023.
- REBOLLO, Regina. *O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno*. *Scientiæ Zudia*, São Paulo, v. 4, nº 1, p. 45-82, 2006.
- SÉNECA. *Cuestiones naturales*. Traducción de Carmen Merino. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1979.
- SENECA. *Natural Questions*. Translated by Harry Hine. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2010.
- WELLMANN, Max. *Die Pneumatische Schule bis auf Archigenes*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1895.
- VERBEKE, Gérard. *L'évolution de la doctrine du pneuma du Stoïcisme à S. Augustin*. Étude philosophique. Paris: Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie, 1945.

Recebido em: 30-01-2025
 Aprovado em: 12-10-2025

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Atualmente cursa Doutorado em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro